



SEGURANÇA GLOBAL

O presidente encontra os colegas da Otan, na Turquia, disposto a repisar as queixas à ausência dos aliados na guerra contra o Irã e a cobrar maior empenho dos parceiros europeus na própria defesa contra a ameaça representada pela Rússia

Aliança militar na mira de Trump

» SILVIO QUEIROZ

Líderes dos 32 países da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) reúnem-se, hoje e amanhã, na capital da Turquia, Ancara, com as atenções voltadas para o que sairá da bagagem de Donald Trump, presidente dos Estados Unidos, força-motriz e principal membro da aliança militar. A reunião coincide com um momento crítico na guerra da Ucrânia, sob ofensiva aérea concentrada da Rússia e carente de munição para os sistemas de defesa antimísseis. Dias antes de embarcar, Trump havia, uma vez mais, criticado os parceiros por não apoiarem efetivamente os EUA na guerra contra o Irã, e reiterou a ameaça, pendente desde seu primeiro mandato na Casa Branca (2017-2021), de reduzir a presença militar norte-americana na Europa e deixar os sócios na posição de custearem a própria defesa.

O secretário-geral do bloco, o ex-premiê holandês Mark Rutte, prometeu “dezenas de bilhões de dólares” para reforçar as capacidades da aliança. “Anunciaremos novos contratos que nos permitirão adquirir os equipamentos essenciais para a dissuasão e a defesa”, declarou, durante entrevista coletiva na capital turca. Rutte também abordou a situação da Ucrânia. “Enquanto Kiev continua defendendo sua soberania, os aliados e parceiros da Otan devem seguir garantindo que (a Ucrânia) receba o que necessita”, afirmou, para depois pedir que “todos os aliados assumam plenamente suas responsabilidades”.

Rutte exercita um número de equilíbrio entre as pressões de numerosos países-membros, que cobram apoio mais efetivo de Washington na Ucrânia, e as seguidas baterias de críticas de Trump, que nos últimos dias voltou a apontar o dedo para os aliados pela ausência no conflito iniciado por EUA e Israel com o Irã, em 28 de fevereiro — em particular, a recusa de enviar forças navais para ajudar na reabertura do Estreito de Ormuz, vital para os mercados internacionais de petróleo.

Falando à imprensa norte-americana, o presidente disse achar “ridículo” que o país mantenha uma “relação unilateral” com a Otan, “sem reciprocidade”. Em sua plataforma nas redes sociais, a Truth Social, Tump escreveu que os aliados “não estavam lá por nós”. Desde o primeiro

Muhammed Abdullah Kurtar/AFP



O jato com o secretário-geral do bloco, Mark Rutte, pousa na capital turca, Ancara: Líder político administra pressões dos EUA

mandato, o magnata republicano cobra dos parceiros europeus que elevem seus gastos com defesa, e chegou a ameaçar a cobrança de colaborações de quem solicite a proteção de tropas e equipamentos dos EUA. Sob a pressão da Casa Branca, os líderes da aliança aceitaram, no ano passado, aumentar progressivamente os gastos militares até chegar a 5% do PIB, em 2035.

O professor de relações internacionais Gunther Rudzit, da ESPM, acredita que a intervenção do presidente dos EUA em Ancara será “recheada de críticas, ameaças, principalmente pelo fato de os europeus não terem entrado ao lado dos EUA na guerra contra o Irã” — como foi antecipado por pronunciamentos recentes do secretário de Defesa, Pete Hagseth. “Os governantes europeus já estão contando com isso”, observa.

O estudioso não acredita, porém, que Trump avance na direção de um rompimento formal dos EUA com a aliança atlântica, como chegou a ameaçar algumas vezes. “Oficialmente, não vai romper, porque



Os europeus já não contam com proteção garantida dos EUA, mesmo num governo pós-Trump”

Gunther Rudzit, professor de relações internacionais da ESPM

essa decisão precisa passar pelo Congresso”, pondera. “Mesmo que tenham maioria, há muitos deputados e muitos senadores republicanos (governistas) que continuam apoiando a Europa, a permanência do país na Otan”, explica Rudzit. Ele, no entanto, aposta que “deve diminuir a presença de soldados e equipamentos norte-americanos na Europa”.

Os desencontros entre Washington e os governos do Velho Mundo sobre Ucrânia

e Oriente Médio, somados à política externa agressiva da Casa Branca, aceleram os passos de países como Alemanha e França na direção de maior autonomia no terreno da defesa — ainda que uma ruptura formal não esteja sequer entre as opções em estudo. “Eles estão agindo nesse sentido de se defenderem sozinhos, há até a discussão sobre um ‘guarda-chuvas’ nuclear francês”, diz o especialista da ESPM. Um fundo de 500 bilhões de euros foi criado para financiar o reforço de um sistema europeu de defesa diante da ameaça identificada na Rússia de Vladimir Putin. “Os europeus já não contam com proteção garantida dos EUA, mesmo num governo pós-Trump”, avalia Rudzit.

Ele entende que a desarmonia na Otan interessa, em primeiro lugar, justamente ao Kremlin, embora não seja indiferente para a China. “No seu cálculo estratégico, Putin pode achar que uma Europa sem os EUA não teria nem força, nem vontade suficientes para se defender”, afirma. “Isso, sem dúvida, ajuda a Rússia.”

China anuncia teste de mísseis

A China anunciou ontem ter feito o teste — bem-sucedido — de lançamento de um míssil sem ogiva nuclear no Pacífico, o que provocou a condenação de vários países da região, apesar de uma advertência prévia de Pequim. O teste não foi inédito: em setembro de 2024, o país já havia lançado ao Pacífico um míssil balístico intercontinental, também sem ogiva nuclear, algo que não acontecia em águas internacionais há mais de 40 anos.

O Conselho para Assuntos Continentais de Taiwan, responsável pelas relações com Pequim, afirmou que, com esse lançamento, o Exército chinês “agrava as tensões na região e põe em risco a paz e a estabilidade regionais”. A preocupação foi compartilhada pelo chanceler da Nova Zelândia, Winston Peters, que lamentou que o exercício tenha acontecido “poucas horas” após a advertência enviada por Pequim.

A Austrália classificou o lançamento como “desestabilizador para a região”, enquanto o Japão expressou “sérias preocupações com a intensificação das atividades militares chinesas”. A Rússia, por outro lado, defendeu os disparos e declarou que a China “não ameaça ninguém no mundo”.

Questionada sobre essas críticas, uma porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da China, Mao Ning, respondeu que o teste ocorreu “em condições de segurança, de forma regulamentada e profissional”. Ela recomendou aos demais governos que “não exagerem na interpretação deste lançamento”.

A China sustenta uma política de “não primeiro uso” de armas nucleares, com a promessa de nunca tomar a iniciativa de usar uma bomba nuclear, embora se reserve o direito de responder, em caso de ataque com uma arma desse tipo. As autoridades de Pequim não especificaram o modelo do míssil balístico lançado do submarino.

PALESTINA

Hamas cede poder em Gaza

O movimento islâmico palestino Hamas dissolveu o órgão que governou a Faixa de Gaza durante quase duas décadas, abrindo caminho para que um comitê de tecnocratas administre o território, conforme previsto no acordo de paz fechado com Israel no fim de 2025. A iniciativa representa uma mudança política significativa para o grupo, que assumiu o poder em 2007 após confrontos com a facção nacionalista Fatah, partido do presidente da Autoridade Palestina (AP), Mahmoud Abbas, que governa com poderes limitados a Cisjordânia ocupada por Israel.

O governo israelense classificou o anúncio do Hamas como uma “manobra” e reiterou a exigência de desarmamento completo do grupo, conforme estipulado no plano de paz mediado pelos Estados Unidos. “Enquanto o Hamas mantiver suas armas, qualquer governo civil (em Gaza) operará de acordo com as ordens deles”, escreveu o ministro israelense das Relações Exteriores, Gideon Saar, que insistiu na “completa desmilitarização (dos palestinos) na Faixa de Gaza”.

Desde que o cessar-fogo entre Israel e o Hamas entrou em vigor, em outubro, o movimento islamista manifestou a disposição

de entregar o poder em Gaza a outra liderança palestina. Questões complexas, como seu desarmamento, permanecem sem solução. O chefe do comitê de emergência governamental, Mohammed al-Farr, “apresentou oficialmente sua renúncia”, disse à agência de notícias France-Prese (AFP) Ismail al-Thawabta, chefe do gabinete de imprensa do governo do Hamas.

Ele também “decidiu dissolver o comitê para facilitar a transição administrativa e governamental para o Comitê Nacional para a Administração de Gaza (NCAG, na sigla em inglês)”, criado pelo acordo de paz. O NCAG, atualmente com sede no Egito, foi estabelecido pelo Conselho da Paz estabelecido pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, durante as negociações que resultaram em um cessar-fogo entre o Hamas e Israel, em outubro de 2025.

Desde então, a situação permanece estagnada. Um dos principais pontos de atrito é o desarmamento do Hamas, que só considera a possibilidade no âmbito de uma iniciativa política palestina. Israel se opõe. “O Hamas dá um novo passo ao renunciar à administração da Faixa de Gaza para privar a ocupação de qualquer pretexto para continuar sua agressão e sua guerra

Omar al-Qattaa/AFP



Menina palestina desabrigada recolhe água em acampamento para refugiados em torno da Cidade de Gaza

de extermínio”, declarou à AFP o porta-voz do movimento, Hazem Qassem.

Simbólico

O cientista político Mkhaimar Abusada explicou à AFP que se trata, antes de tudo, de uma decisão “simbólica”. “O problema não é a dissolução do comitê governamental (do Hamas), e sim a aceitação de seu

desarmamento, que continua sendo o principal ponto de bloqueio.” A primeira fase do cessar-fogo permitiu a libertação dos últimos reféns israelenses mantidos pelo Hamas em troca de palestinos presos por Israel. A passagem para a segunda fase, que previa o desarmamento do Hamas e uma retirada progressiva das forças israelenses de Gaza, está há meses estagnada, e Israel reforçou a presença no território.

O governo israelense descarta o retorno do Hamas ao poder, mas também se opõe a que a Autoridade Palestina assuma o controle. Pelo menos 1.072 palestinos morreram na Faixa de Gaza desde a entrada em vigor da trégua, segundo o Ministério da Saúde do território, sob autoridade do Hamas. O exército israelense registra seis baixas em Gaza no mesmo período: cinco soldados e um combatente “terceirizado”.